

ción, trabajos como éste contribuyen al esclarecimiento de otros procesos intelectuales y socio-políticos de signo no re-

volucionario, pero igualmente ilustrados.

NOELIA GONZÁLEZ

Manuel Baiôa,
*Elites Políticas em Évora. Da I República
à Ditadura Militar (1925-1926),*
Lisboa, Edições Cosmos, 2000

Existe um claro déficit de informação sobre a Primeira República Portuguesa (1910-1926). Assunto ignorado durante 48 anos de ditadura, este regime viu-se ultrapassado, após a criação de um regime democrático em Portugal em 1974, pelo Estado Novo Salazarista como alvo do interesse historiográfico nacional, e muitas vezes é visto apenas como o prelúdio da ditadura militar iniciada em 1926. Por outras palavras, estuda-se frequentemente a República apenas para melhor entender o que se lhe seguiu. Isto é especialmente verdade da segunda fase da existência do regime republicano, de 1919 a 1926. O que até então tinha sido, para o historiador, fácil de assimilar e seguir —as divisões entre republicanos que levaram à cisão do Partido Republicano Português (PRP), do qual se separaram os partidos Unionista e Evolucionista, e as lutas contínuas entre republicanos e monárquicos— torna-se, após a entrada portuguesa na Grande Guerra, muito mais difícil.

A participação portuguesa no conflito mundial foi, nas pa-

lavras de um republicano, uma «fonte de ódios inextinguíveis». A guerra chegou ao fim com Portugal sob a presidência de Sidónio Pais, que reprimiu duramente o PRP e tentou alterar profundamente o curso da política portuguesa, hesitando entre uma versão *sui generis* do presidencialismo e uma experiência corporativa. A seguir ao assassinato de Sidónio Pais veio uma (última) guerra civil entre republicanos e monárquicos. Sem a sua figura máxima, Afonso Costa, para o liderar, o PRP (melhor conhecido pelo nome de «partido Democrático») sofreu cisão após cisão: e continuamos hoje sem saber o porquê dessas cisões, para além de simples lutas pela liderança dos respectivos partidos. Quem eram, no fundo, os Reconstituintes e os Radicais? O que foi, e que importância poderia ter vindo a ter, a Esquerda Democrática de José Domingues dos Santos? Não sabemos também porque é que as forças conservadoras da República nunca se entenderam, criando uma alternativa genuína aos Democráticos, tão obviamente

em crise, e porque é que políticos como Cunha Leal e Álvaro de Castro, frequentemente descritos como os homens políticos de maior talento da sua geração, passaram de um partido para outro com uma velocidade estonteante. Golpes de estado liderados por civis, pela Guarda Nacional Republicana e pelo Exército tudo complicaram, e sobre estes acontecimentos restam ainda muitas dúvidas. Muito mais fácil e tentador do que tentar entender nove anos de instabilidade política e social é fixar-se apenas no fenómeno ‘instabilidade’, vendo nele tudo o que há para ver, e criar uma ponte rápida entre a guerra de 1914-1918 e a ditadura militar de 1926.

Quem tenta escrever sobre a Primeira República portuguesa a nível nacional depara inevitavelmente com grandes obstáculos ao nível de fontes primárias; essa falta de materiais leva necessariamente historiadores a optar por outros temas e outras épocas. Nenhum historiador deste período pode ambicionar a fazer sozinho tudo o que há ainda a fazer de básico em relação à historiografia da Primeira República: mas sentirá certamente, qualquer que seja o seu fim, os efeitos negativos desta falta de informação concreta sobre temas tão essenciais como as principais figuras políticas e as formações que lideravam. São necessários, entre muitas outras trabalhos (e não apenas relacionados com a área política), estudos sobre os par-

tidos republicanos e seus líderes e sobre as eleições que disputaram. Sabemos que estas eram, em grande medida, uma farsa (que, no entanto, por vezes surpreendia os que as tentavam organizar, como em 1921, quando o Partido Republicano Liberal não conseguiu obter uma maioria parlamentar, apesar de estar no governo): mas pouco sabemos sobre como eram travadas, e como os partidos se digladiavam durante as campanhas. Não sabemos ainda, e isto é mais grave, o que era a política republicana fora de Lisboa e do Porto — e como não sabemos, e não temos tempo para a entender devidamente, porque isso seria todo um outro projecto, refugiamo-nos na ideia de que não devia ter grande interesse. Insistimos assim numa análise ‘nacional’ que tem — e sabemos-lo bem — pés de barro.

Neste deserto de vontades surge *Elites Políticas em Évora: Da I República à Ditadura Militar (1925-1926)*, de Manuel Baião. O seu propósito é simples e torna a sua leitura, julgo, essencial, para quem ouse escrever sobre a vida política da República. Esperamos que sirva ainda de exemplo para outros historiadores: o que foi neste livro feito em relação a Évora deve ser feito em relação às outras capitais de distrito do país, de forma a que, quando se escreve sobre a República a nível nacional, se possa fazê-lo de forma mais segura. Julgando pelo exemplo de Évora, uma série de estudos locais levará a um

novo consenso sobre a vida política da Primeira República e um que, talvez pela primeira vez, será devidamente fundamentado.

A intenção de Manuel Baiôa é identificar, com precisão, as elites políticas de Évora de forma a entender as suas respectivas composições, ligações, motivações e fins. Ao fazê-lo, Baiôa explica ainda, detalhadamente, as eleições nacionais e locais que decorreram em 1925 e a reacção das elites políticas ao golpe de estado militar de Maio de 1926. Que a identificação foi feita não restam dúvidas: os numerosos anexos do livro parecem um almanaque político e social —um *Who's Who*— de Évora, apresentando listas detalhadas de candidatos de todos os partidos políticos às eleições disputadas em 1925, incluindo os respectivos passados políticos e categorias sócio-profissionais; de membros do Senado Municipal, da Junta Geral do Distrito, de governadores civis e delegados do governo; de oficiais das unidades militares aquarteladas em Évora; e de membros das associações profissionais, económicas e comerciais da cidade. A esta enumeração valiosa e exaustiva é depois dado o sopro da vida: podemos observar de perto a acção de todos estes intervenientes no último ano e meio da existência da República. Assistimos a comícios das várias formações políticas; podemos avaliar, por exemplo, o choque causado em Évora pela defecção da

Esquerda Democrática, liderada por José Domingues dos Santos, que abalou severamente o partido Democrático local; e assistimos ainda às manobras desleais empregues por este último partido para eleger um deputado, apesar da sua fraqueza eleitoral no distrito. Baiôa demonstra depois que havia uma enorme diferença entre as eleições nacionais e as locais, onde o facciosismo político era menor e onde era frequente um candidato aparecer em mais de uma lista concorrente, e sublinha o facto de tal situação se dever à dimensão diminuta da elite política de Évora, que, mesmo assim, parecia destacar-se do resto do país (excluindo Lisboa e Porto) pela sua diversidade e robustez. Perante tal flexibilidade ideológica, a irreduzibilidade dos ódios políticos durante a Primeira República torna-se assim, aos olhos do historiador, suspeita, e é este o grande mérito da obra de Baiôa: forçar quem está habituado a lidar com a República ao nível nacional a rever constantemente os seus conhecimentos e a questionar alguns dos mitos que cercam ainda aquele regime. *Elites Políticas em Évora* lembra-nos constantemente que estamos ainda longe de entender o verdadeiro funcionamento da máquina política republicana.

Por fim, Baiôa examina a forma como as várias famílias políticas se colocaram perante o golpe militar de 28 de Maio de 1926, que pôs um ponto final ao regime republicano. Bem-vindo

inicialmente por todos os grupos com excepção dos Democráticos, que mais uma vez controlavam o parlamento, o governo e, por isso, a rede nacional de governadores civis e delegados do governo (beneficiando ainda do apoio de Bernardino Machado na Presidência da República), as contradições inerentes à acção militar depressa levaram a uma quebra de consenso em Évora. O que Baiôa demonstra, porém, é que não podemos chegar a conclusões apressadas sobre a reacção ao golpe e à subsequente ditadura militar: condições locais — amizades, relacionamentos profissionais etc. — por vezes ditaram reacções que, ao historiador habituado a lidar com a República como um todo, podem parecer inexplicáveis. O apoio dado pela Esquerda Democrática de Évora às novas autoridades administrativas impostas pelo Exército, quando o Directório do partido denunciava já os propósitos ditatoriais do 28 de Maio, é impossível de compreender sem ter em conta quem eram os *canhotos* locais e quais eram os seus relacionamentos com o novo governador civil. Esta contradição era acompanhada por outra, também difícil de explicar sem um conhecimento profundo das realidades locais: a da oposição à ditadura do Partido Nacionalista, apesar das novas figuras administrativas do

distrito serem provenientes de um meio social muito semelhante aos líderes nacionalistas locais. Baiôa, conhecedor pela sua pesquisa do meio eborense, explica o porquê de tal situação, demonstrando como o Exército chamou figuras de prestígio local que se tinham afastado da política desde 1910 ou mesmo 1918.

Elites Políticas em Évora é assim uma obra essencial na historiografia recente dos anos 20 em Portugal. Talvez o autor pudesse ter sido mais arrojado nas suas conclusões, abstraindo-se do material por ele reunido e sugerindo de que forma a sua própria visão da Primeira República, da Ditadura Militar e das ligações entre os dois regimes foi alterada pela pesquisa efectuada para este trabalho: que ele, por outras palavras, afirmasse a inegável importância deste estudo. Os cuidados indispensáveis numa tese académica podem ser, até certo ponto, postos de parte num livro destinado a ser consultado por um público maior. Ficamos, de qualquer forma, à espera que o exemplo de Manuel Baiôa seja seguido e que estudos semelhantes sobre outras localidades, e sobre os partidos políticos da República (a nível local, regional e nacional) surjam brevemente.

FILIPE RIBEIRO DE MENESES